

VESTÍGIOS DA PRESENÇA SUEVA NO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA: NA ETNOLOGIA, NA ARQUEOLOGIA E NA LÍNGUA

Brian F. Head*
bfh122333@gmail.com

Larisa Semënova-Head**
bfh122333@gmail.com

A presença dos suevos no noroeste da Península Ibérica durante os séculos V e VI deixou vestígios na etnologia (nos tipos de arado e de espigueiro) e na onomástica da região. Algumas descobertas arqueológicas revelam aspetos da cultura e da sociedade suevas, incluindo-se o espigueiro de origem sueva.

Palavras chave: Suevos, arado, espigueiro, moedas, onomástica.

The presence of the Sueves in the northwest of the Iberian Peninsula during the 5th and 6th centuries left vestiges in the ethnology (such as the types of plow and grain shed) and in the onomastics (both place names and personal names) of the region. Archeological discoveries indicate features of Suevic culture and society, including the typical grain shed.

Keywords: Sueves, plow, grain shed, coins, onomastics.

O presente estudo examina três domínios em que se encontram vestígios relativos à presença dos suevos na Península Ibérica: a etnologia, a arqueologia, e a língua (na onomástica)^[1]. No domínio dos povos germânicos na Península Ibérica, o presente estudo concentra-se na influência dos suevos, numa região do noroeste, mormente no Minho e na Galiza, durante o

* Professor *Emeritus*, The University at Albany (Albany NY, USA).

** Professora Colaboradora da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal).

1 O uso das designações *Sueve* e *Suevic* indica, assim como diversos aspetos do conteúdo do texto, que não se trata dos *Swabs* (*Schwaben*).

Mapa 1. A região do reino suevo, de 411 a 585.



período do Reino Suevo, nos séculos V e VI (Mapa 1, baseado em Reinhart, 1952: 56-57).

Em comparação com a presença dos visigodos na Península Ibérica, a presença sueva durou muito menos tempo, representava um número bem menor de povos invasores e caracterizava uma área bem menos ampla. É possível, porém, reconhecer efeitos da presença sueva em diversos âmbitos.

1. Influência sueva na etnologia.

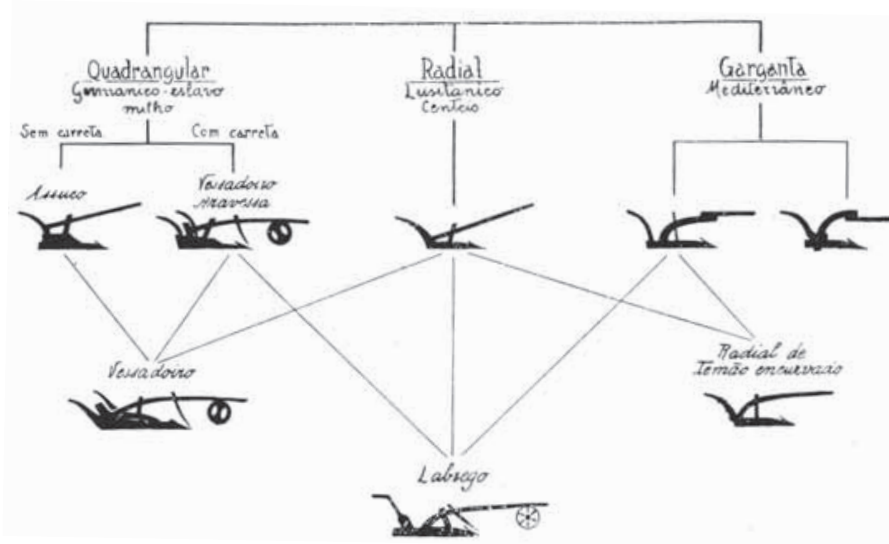
Na etnologia, é notável o conjunto de técnicas e alfaias agrícolas galego-minhotas, de origem germânica, nomeadamente o arado quadrangular, o mangual e o espigueiro.

1.1. O arado de origem sueva.

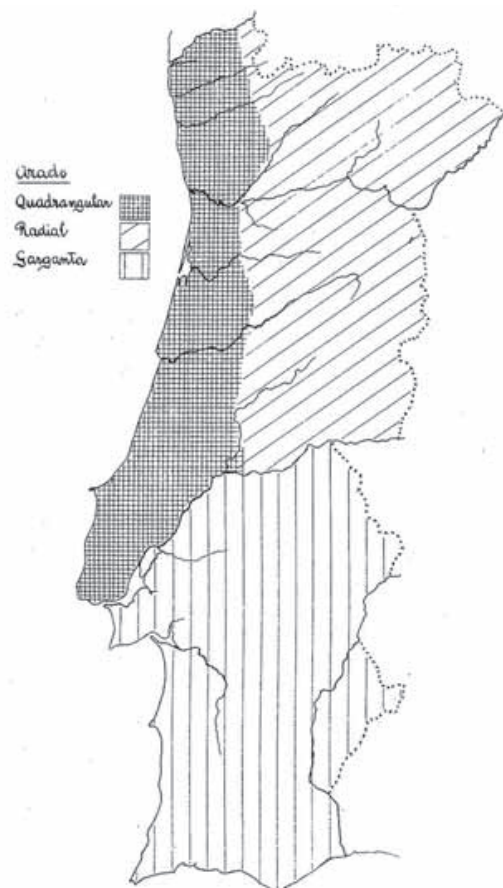
Segue-se um esquema que representa a origem dos diversos tipos de arado.

As origens dos diferentes tipos de arado encontrados em Portugal estão indicadas na Figura 1 (baseada em Dias 1982: 114, Figura 26). A área dos arados quadriculares está indicada no Mapa 2 (*Idem*, 129, Figura 39). Nota-se que a área deste tipo de arado se inclui na região do reino dos suevos (Mapa 1, *supra*). Segundo o etnólogo Jorge Dias, parece não haver dúvidas quanto à origem sueva do arado quadrangular minhoto (*Idem*, 188-190).

Figura 1. Esquema da origem dos diferentes tipos de arado



Mapa 2. A distribuição geográfica dos diferentes tipos de arado



1.2. O espigueiro típico do Minho e da Galiza.

Um exemplo do espigueiro tradicional do Minho e da Galiza está representado na Figura 2 (baseado em Reis Moura, 1993: 87, Figura 5) um espigueiro de Lindoso, de granito.

Figura 2. Espigueiro típico do Minho e da Galiza



Nota-se no Mapa 3 (*Idem*: 73) que a distribuição geográfica do espigueiro típico do Minho e da Galiza (onde o nome é *horreo*, do latim *horreum*, baixo latim, *horreus*) se encontra na área do reino suevo (*Regnum Suevorum*, indicado no Mapa 1 *supra*). Há vários topónimos portugueses provindos do latim *horreum* (Silveira, 1935: 246-248). Outros nomes usados na Galiza incluem *espigueiro*, *cabaço*, *celeiro*, *piorno* e *canastro*.

Mapa 3. Distribuição do espigueiro tradicional no Minho de na Galiza

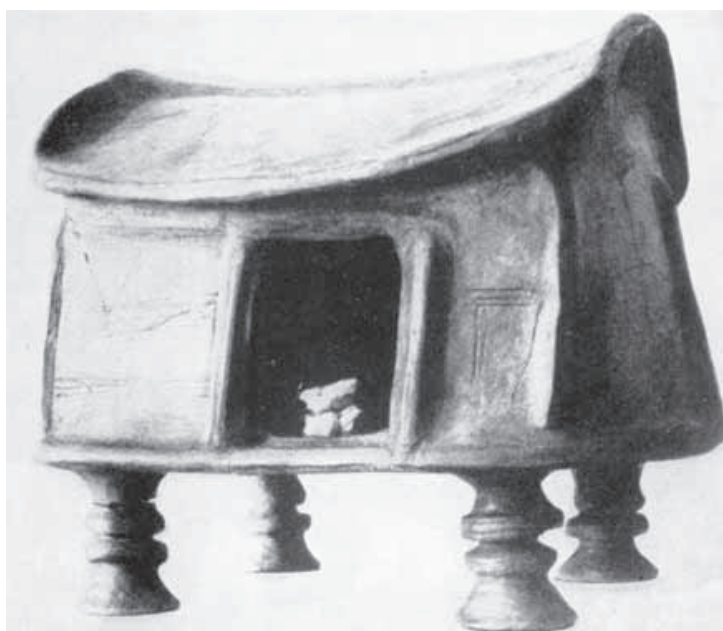


2. A influência sueva na arqueologia.

Embora sejam bastante escassos os vestígios arqueológicos, incluem-se entre estes uma urna funerária em forma de celeiro, da Idade de Bronze, encontrada em Obliwitz, Lauemburgo, Pomerânia, região de origem dos antepassados dos suevos. A referida urna está representada na Figura 3 (baseada em Dias, Veiga de Oliveira & Galhano, 1961: 209 e 256, Figura 145). A urna representa um espigueiro, semelhante aos actuais espigueiros do noroeste da Península Ibérica, constituindo assim uma prova da origem sueva do celeiro típico do Minho e da Galiza. Encontra-se outra prova da antiguidade deste tipo de celeiro numa iluminura dum códice do século XIII, das *Cantigas de Santa Maria* da Biblioteca do Escorial, onde aparecem dois espigueiros semelhantes aos que são típicos do Minho e da Galiza (*Idem*, 208-209, Figura 144).

Entre os vestígios arqueológicos da presença sueva no Noroeste da Península Ibérica incluem-se vários exemplares da numismática sueva, visto que desde cedo os suevos sentiram a necessidade de cunhar moedas, em face do volume comercial na região. As únicas moedas de ouro do Reino Suevo eram as que foram cunhadas pelos próprios suevos, como o *solidus* ou soldo, dos quais se mostra a imagem de um exemplar na Figura 3 (baseada em Sáez Salgado, 2001: 18). Havia também moedas de prata

Figura 3. Urna funerária encontrada na Pomerânia.



(*siliquiae*), cunhadas durante o reino de Richiarus, o primeiro rei cristão dos suevos, de 448 a 456, das quais se mostra a imagem de um exemplar na Figura 4 (baseada em Reinhart, 1952: lâmina VII, número 43).

São escassas, actualmente, as moedas suevas: segundo Sáez Salgado (2002: 18), os soldos suevos devem totalizar entre 20 e 25 exemplares, sendo que também havia trientes de ouro (com o valor de um terço de um *solidus*), dos quais são conhecidos cerca de duzentos exemplares.

As propriedades que se encontram na moeda de prata acima representada exemplificam um dos padrões numismáticos típicos do respectivo contexto histórico-cultural: os suevos podiam manter no anverso das suas moedas uma efígie do tipo romano, enquanto no verso indicavam o nome do rei suevo. Não foram cunhadas peças com legendas na língua dos suevos

Figura 4. Exemplar da cunhagem em ouro, em nome do imperador Honório, que reinou entre 393 e 423



Anverso: DN HONORIUS P F AVG
(DOMINVS NOSTER HONORIVS PIVS FELIX AVGVSTVS)
Verso: AAVCCC CON[C]O VICTVRI

Figura 5. Exemplar da cunhagem em prata durante o reino de Richiarus.



Anverso: DN HONORIUS P F AVG
(DOMINVS NOSTER HONORIVS PIVS FELIX AVGVSTVS)
Verso: IVSSV RICHARI REGES

(o gótico), mas sempre na língua dos romanos (o latim). A terminação em *-es* (em vez da flexão clássica em *-is*) reflecte a alternância comum no latim tardio entre as respectivas vogais em posição átona, [i] e [ĕ].

3. Perspectivas linguísticas.

É no domínio linguístico que se destaca a influência germânica no noroeste da Península Ibérica, mormente na onomástica, especialmente nos topónimos derivados de antropónimos (cf. Koller, 1998: 239).

Não sendo possível no presente trabalho considerar vários casos da origem dos topónimos com elementos germânicos, optou-se pelo estudo do conjunto com origem na raiz indo-europeia **al-*.

3.1. A raiz indo-europeia **al-*.

Segundo os especialistas (tais como Pokorny 1955: 26 e Watkins 2011: 3a-3b, entre outros), havia no antigo indo-europeu a raiz **al-* «crescer, nutrir», com a forma de participio, com sufixo, **al-to* «crescido».

3.2. Reflexos da raiz IE **al-* «crescer, nutrir» em línguas de diversos ramos do tronco indo-europeu.

As formas «teóricas» (isto é, não documentadas, mas estabelecidas com base no método comparativo, técnica básica nos estudos etimológicos) são indicadas, no presente trabalho, com * precedente (de acordo com a convenção geral na linguística histórica) e em negrito, enquanto as formas documentadas se indicam em itálico. Por semelhante motivo, emprega-se, neste estudo, a abreviatura IE para indicar o antigo indo-europeu, a língua originária de que provieram muitos dos idiomas da Europa (indicados num gráfico por Watkins, *op. cit.*: 112-113).

A raiz **al-* «crescer, nutrir» está representada por reflexos em línguas de diversos ramos do tronco indo-europeu.

No ramo itálico, por exemplo, encontram-se no latim as palavras *alere* «nutrir» e *altus* «alto», adjectivo formado a partir do participio passado de *alere*, com o sentido inicial de «nutrido, crescido», de acordo com um processo semelhante ao que deu origem ao indo-europeu **al-to* «crescido». Há também as formas latinas *almus* «nutriente, nutrição» e *adolescere* «fazer crescer», entre outras palavras afins.

No ramo helénico, a raiz do IE está representada pelo grego ἀλδαίνω «alimentar, fazer crescer», o adjectivo νεαλής «com as forças do crescimento ou da juventude», os verbos ἀλδαίνειν «fazer crescer» e ἀλδήσχειν «crescer, fazer crescer» (ambos formados com a base *al-d-) e o adjectivo ναλτος «insaciável».

No ramo céltico, há o antigo irlandês *alim* «eu alimento».

Do ramo tocariano, há no tocariano oriental (isto é, no chamado «tocariano A») o substantivo *ālym* «vida, espírito».

No ramo germânico, há reflexos em diversos idiomas: com o sentido «velho», o inglês antigo *ald* e *eald* (que são formas relacionadas com o antigo saxónico *ald*), o inglês médio *ald* e *old*, o inglês moderno *old*, o antigo frisiano *ald* e *old*, o neerlandês *oud*; o alto alemão antigo e médio e o alemão moderno *alt* (com base no indo-europeu *al-tó), e o gótico *althreis* (com base no indo-europeu *ál-tyo-).

As palavras indicadas, que representam de diversos ramos do IE, são apenas alguns dos reflexos da raiz *al- «crescer, nutrir». Não são de estranhar as diferenças de forma e de significado, visto que todas as línguas são susceptíveis de mudanças de forma e de substância significativa, ao longo da história.

Nota-se que os reflexos da raiz indo-europeia *al- «crescer, nutrir» são todos de natureza semântica. Não se trata, evidentemente, em nenhum caso, de um prefixo: quando a raiz *al- ocorre em combinação com outras raízes é sempre na constituição de palavras compostas, nunca na formação de derivados. Sabe-se desde longa data que a composição e a derivação são processos distintos na formação lexical, conforme Villela (1994), entre muitos outros. Por outro lado, é irrelevante, em geral, o facto de haver no início de palavras de origem árabe ou latina formas semelhantes ao início de reflexos da raiz *al- no ramo germânico (exceto, no caso do latim, quando é étimo da palavra portuguesa representa um reflexo da mesma raiz indo-europeia).

3.3. Reflexos da raiz IE *al- «crescer, nutrir» em línguas germânicas.

São especialmente relevantes, no âmbito do presente estudo, os reflexos da raiz *al- «crescer, nutrir» no ramo germânico.

No seu dicionário etimológico de raízes alemãs, Eichhoff e Suckau (1851: 4) registam *alt* (de *al-en*, «crescer»...) com os significados de «velho, idoso, ancião», e várias outras palavras derivadas desta: *alt-er* «idade», *alt-er-n* «envelhecer», *ält-el-n* «envelhecer um pouco», *ält-lich* «um pouco

velho», *ält-er-n* ou *olt-er-n* «pai e mãe, pais», *gros-alt-er-n* «avós», *vor-alt-er-n* «antepassados», *ält-er-lich* «de pai e mãe, patrimonial», *ält-ern-los* «órfão», *alt-er-thun* «antiguidade».

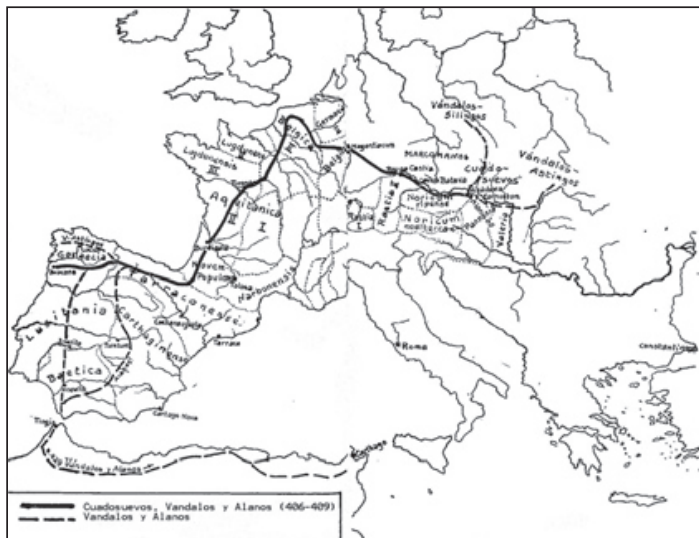
Por ser um dicionário etimológico de raízes, a obra acima citada limita-se a indicação de palavras derivadas, das raízes consideradas, que pertencem ao léxico comum. As palavras indicadas representam bem, por um lado, a extensão do significado da raiz e, por outro, o âmbito significativo das palavras formadas com base na referida raiz. Na maioria dos casos, nota-se que os sentidos das palavras derivadas são associados a pessoas. Não se inclui nenhum exemplo de palavra derivada de *alt-* que se refira unicamente a lugares.

De acordo com Watkins (2011: 3b), o germânico **alda-* ocorre (a) no inglês antigo *eald*, *ald* «velho»; (b) nas formas comparativas do antigo inglês *eldra*, *older*, *elder* (sendo que o inglês moderno *older* e *elder* «mais velho, dignitário», provêm do inglês médio *eldre*, do antigo inglês *ellærn*); (c) nas formas superlativas do antigo inglês *ieldesta*, *eldesta*, *eldest*; (d) na palavra composta germânica **wer-ald-*, «idade ou vida de homem». O inglês moderno *alderman* provêm do anglo-saxão *ealdorman* «pessoa de alto nível», composto de *ealdor* «ancião, dignitário, chefe», de *eald* «velho», no grau comparativo; no inglês moderno, o superlativo *eldest*, «o mais velho», do anglo-saxão *yidesta*, superlativo de *ald*, anglo-saxão *eald*, «velho». As outras formas afins incluem o inglês médio *elde* «velhice», o anglo-saxão *ieldu*, *yidu*, o islandês *elli* e o dinamarquês *æld*.

Os exemplos referidos acima (secção 3.2) mostram serem bastante difundidos entre idiomas de diversos ramos do tronco indo-europeu os reflexos do IE **al-* «crescer, nutrir», sendo especialmente numerosos tais reflexos no ramo germânico. É de notar que houve migrações de povos germânicos na Península Ibérica a partir do século V.

O Mapa 4 (baseado em Reinhart, *op.cit.*: 24-25) representa as migrações dos povos germânicos na Península Ibérica, a partir de princípios do século V. Indica que a migração dos suevos se confinou no Noroeste da Península, numa região que corresponde, de modo geral, à Galiza e ao Minho. Na forma composta *cuadosuevos*, no Mapa 1, o componente *cuado* indica a região sudeste da antiga Germânia, onde havia um povo de origem sueva. Dias (1982: 180-181) emprega, em português, as formas *Quados* e *Quados-Suevos* para designar o respetivo povo.

Mapa 4. Representação das migrações germânicas na Península Ibérica



3.4. A origem germânica do topónimo *Aldão*.

Tal como os casos de numerosos topónimos antigos do Noroeste da Península Ibérica, o nome *Aldão* é de origem germânica (Piel: 1933-44, 1989), mais precisamente do gótico, da única língua do germânico ocidental. Nota-se que o referido topónimo se encontra na região do antigo reino dos suevos (de 411 a 585), a qual corresponde justamente à parte da Península Ibérica com maior densidade de nomes de lugar de origem germânica, como mostra a comparação do Mapa 1, *supra*, com o Mapa 5, *infra*.

A documentação mais antiga do germânico **alda-* e das suas variantes, encontra-se na língua gótica (o idioma germânico mais antigo), actualmente extinta, no sentido de não ser empregada hoje em dia, nem na comunicação oral, nem na escrita.

Uma das fontes mais importantes do gótico é a tradução da *Bíblia* por Vulfilas (germânico *Wolfs*, «lobo»; do latim *Vulphilas*, forma diminutiva; também *Ulphillas*). Estão preservados apenas alguns fragmentos da obra, mas no estudo da parte conhecida do texto são identificadas várias palavras relevantes para o presente trabalho.

As palavras góticas identificadas (com as formas reconstruídas assinaladas com asterisco ***) por Skeat (1867: 16-18), num léxico cuidadosamente preparado com base em textos góticos, incluem as seguintes relacionadas com a raiz germânica **alda-* e as suas variantes: *aldomo* «idade avançada» (no caso nominativo: *aldomo*, *aldoma* ou *alduma*), **aldrs* «velho»

(documentado em *fram-aldrs*, «muito velho»), *alds*, substantivo abstracto, «idade, geração»), **althan* (que corresponde ao alemão *altern*) «envelhecer», com documentação da forma verbal derivada *us-althan* «tornar-se velho» e do participio passado *usalthans* «velho, antiquado»; *altheis* «velho», com o substantivo correspondente *althiza* «mais velho, ancião»; *alths*, *alds*, substantivo abstracto, «idade, época, mundo».

3.5. Comparação do radical germânico *ald-/alt-* com o radical latim *alt-*.

A raiz IE **al-* «crescer, nutrir» deu origem, no alemão, aos verbos *altern* (intransitivo) «envelhecer» e *altern* (transitivo) «fazer parecer velho»; o adjectivo *alt* «velho, antigo», com as formas de grau comparativo *älter* «mais velho» e de grau superlativo *ältest* «velhíssimo, o mais velho», *ältlich* «de idade», *Altermann* «sénior, superior», *Alter* «idade, idade avançada, senioridade...», *Altersfolge* «ordem de senioridade ou antiguidade», *Ältervater*, *Ältermutter* «antepassado, antepassada», além de várias outras palavras derivadas. Pelos exemplos apresentados, nota-se que a variante *alt-* é frequente no léxico comum, enquanto a variante *ald-* se encontra num bom número de nomes próprios de origem germânica, tanto na antroponímia (*vide* secção 1.5.1 *infra*), como na toponímia (*vide* secção 1.5.2 *infra*), inclusive na onomástica da Península Ibérica (*vide* secção 2 *infra*), mormente na região noroeste (o Minho e a Galiza), como se mostra no mapa apresentado neste estudo (secção 2).

Verifica-se uma semelhança entre as histórias do radical germânico *ald-/alt-* e do radical latino *alt-*, tanto na origem como na formação e nos significados. Evidentemente, ambos dão sequência ao IE **al-* «crescer, nutrir».

Por outro lado, a raiz IE **al-* «crescer, nutrir» também deu origem ao verbo latino *alō*, *alis*, *aluī*, *altum* (*aliturum*) «nutrir», sendo que as formas *altus*, *alta*, *altum*, empregadas como adjectivos, correspondem ao participio passado deste verbo, e eram usados inicialmente com os significados de «alto» e «profundo» (em face de *excelsus*, que referia exclusivamente a altura). Os sentidos de «alto» e «profundo» são comuns aos reflexos do IE **al-*, através do latim *altu-*, nas línguas românicas (Meyer-Lübke: 386).

As formas do comparativo e do superlativo dos referidos adjectivos são, respectivamente, *altior* e *altissimus*, *-a*, *-um*. O neutro *altum* também se empregava como substantivo para designar o «alto mar», enquanto *altanus ventus*, ou simplesmente *altanus*, referia «vento [que vinha do mar]» (com diversos sentidos, indicados por Plínio, Servius e outros). Havia várias palavras latinas derivadas, com significados afins aos dos termos básicos.

Há uma prova da linguística histórica que confirma a origem germânica, em vez de itálica (ou latina), do topónimo *Aldão*. Observa-se que da raiz indo-europeia *al- «crescer, nutrir», se encontram reflexos com *ald-* e com *alt-* nas línguas germânicas, enquanto no ramo itálico (representado pelo latim, neste caso), há reflexos com *alt-* mas não com *ald-*. Assim sendo, uma suposta base latina de *Aldão* implicaria, em termos da fonética histórica, a passagem de [t] a [d] depois de [l]: tal mudança é alheia aos factos da história da língua portuguesa. Na história das línguas, não se encontram, de modo geral, casos de mudança fonética isolados ou únicos.

Quanto à terminação *-ão*, que representa a latinização do nome germânico, é provável que tenha resultado da convergência de diversas formas do singular no português antigo (veja-se a secção 1.6 *infra*).

3.6. A ocorrência do germânico *alda- na onomástica

3.6.1. A raiz *alda- na antroponímia

Há algumas obras que destacam a ocorrência do germânico *alda- no domínio de antropónimos (cf., entre outros autores, Kremer (1994a).

Segundo Ferguson (1864: 418), «There are no inconsiderable number of names which are derived from the period of life» (isto é, «Não é insignificante o número de nomes [de pessoas] derivados [da designação] do período de vida»). Segue-se, na referida obra, uma lista de nomes do anglo-saxão *ald*, *iæld*, do alto antigo alemão *alt*, «velho» e do inglês *old* «velho», todos antropónimos:

- (a) formas simples: do antigo alemão, *Aldo*, *Alto*, *Alda* (formas documentadas a partir do século VII);
- (b) formas diminutivas: germânicas *Aldhysi*, *Haldisi*, inglesas *Aldis*, *Oldis*;
- (c) terminações fonéticas especiais: o antigo alemão *Aldini*, *Altun* (século VIII), o inglês *Alden*, *Alton*, *Elden*, *Elton*, o alemão moderno *Alten*, o francês *Aldon*;
- (d) patronímicos: no antigo alemão *Alding* (século VIII), no inglês *Olding*, no francês *Olding*.

Seguem-se alguns exemplos.

Aldo, forma hipocorística dos nomes germânicos assim começados por *Ald-* que se pode traduzir por *velho*, com o sentido de *experiente*. A respectiva forma feminina *Alda* é de uso muito maior, além de bastante antiga, visto que figura na *Chanson de Roland*, como nome da noiva do herói,

encontrando-se em documentos portugueses do século XV. Gil Vicente, na comédia da *Rubena*, cita *Don'Alda*; o mesmo nome que tem uma quinta, ou sítio, nos arredores de Portimão.

Aldosindo, nome de proveniência germânica, cujo significado em português é «velho, ou experiente, senhor», «soberano», com forma feminina regular, *Aldosinda*, que figura na toponímia; cf. *Aldo* etc.

Aldredo, nome germânico, que provém de *Alderredo*, forma esta que, com o patronímico *Alderiz*, consta de antigos documentos e quer dizer «velho conselheiro», formado por *alde*, de *aldi*, «velho» com *redo*, de *reth* (hoje *rat*), «conselho»). As formas afins incluem *Alderete*, *Alderetice*, *Aldereditiz*, *Alderetiz*, *Alderetit*, *Aldereto*, *Alderetto*. Na toponímia encontra-se representado por *Aldreu*, antes *Aldrei* e *Aldarem*.

Observa-se que existem na língua moderna os antropónimos *Alda* (referido por Nunes no verbete sobre *Aldo*) e *Aldina*, este último também como substantivo comum, que designa (1) um tipo de planta e (2) uma letra de imprensa inventada por Manuzio (Houaiss e Villar, 2001 *q.v.*).

3.6.2. A raiz *alda- na toponímia.

Por sua vez, Machado (2003) regista vários nomes de lugares e de pessoas, relacionados com o radical *ald-*, que provém da raiz germânica **alda-*, incluindo-se, entre outros, os seguintes:

Alda, f. Do francês *Alde* (já atestável no séc. XI), donde *Auda* e *Aude*, se não do italiano, onde é muito vulgar o masculino *Aldo*, também em português (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* 1936-60: I, 355 e II: 317), mas raro. Leite de Vasconcellos (1928: 47) supõe que seja «*Alda* forma hipocorística de nomes começados por *Alt-* (com o significado de *velho*)», a notar que, a par de *Alda*, traz Förstemann também *Aldo*. É nome com história própria, com origem no antigo alemão *Alda*, «velho», «grande». Quanto à sua divulgação, Machado recorda que assim se chamava a noiva de Roldão, tendo a *Chanson de Roland Aude* (no verso 1720) e *Alde* (versos 3708, 3717, 3723), sendo daí que provém a presença deste nome no *Orlando Enamorado* de Boiardo (I, 22). O Calendário regista uma Santa *Alda* (da Ordem Terceira dos Humilhados, 1309), festejada a 26 de Abril, e Santo *Aldo* (por aproximação hagiológica, *Alto*), abade fundador da Altomuenster, na Alemanha (760, 770), a 9-II (ambos em Martins, 1961). Por vezes, com o antropónimo *Aldo* faz-se referência resumida ao célebre impressor Teobaldo Manuzio (1449?-1515). Em português, ocorre *Alda* já

no século XV (nome documentado in *Portugaliae Monumenta Histórica, Scriptores...*, p. 319), época em que era nome raro.

Aldano, topónimo de Santiago e de outras localidades no noroeste da Península Ibérica, o qual permite identificar a sequência **Aldanus*, *Aldana*, *Aldanaci*...

Aldão, topónimo de Barcelos, Feira e Guimarães. Em 1220, *Inq.*: 14. Segundo Piel, trata-se do nome *Alda*, do radical *Alds*, «tempo, idade dum homem», ou got. *Altheis* «velho»... Como não existem formas antigas, **Eldam* é mais natural como étimo do que *Hildis*». Do antropónimo, há o patronímico *Aldonici* (*q.v.*).

Aldarete, topónimo, Peso da Régua; na Galiza, *Aldareta* (Corunha). De origem germânica, a partir de *Alda*... Segundo Nunes (1933: 40), este «nome germânico ... provém imediatamente de *Alderredo*, forma esta que ... quer dizer, *velho* (*alde* ou *aldi*) *conselheiro* (*redo* de *reth*), ... Na toponímia, é representado por *Aldreu*, Barcelos...».

Aldebrando ou *Aldobrando*, ... Segundo Nunes (1933: 37), é «nome germânico, que quer dizer combatente (*brando* por *brand* ou *espada flamejante*) respeitável ou experimentado (*alde* por *alt-*, propriamente *velho*)»...

Aldegundes, *f.* Do al. *Adelgunde* (ou *Adalgunde*) e *Algunda*, que, segundo Nunes (1933: 38), quer dizer: «velha» (isto é, «experimentada»; cf. *Aldo*, etc.) «no combate» (*-gunde*)...

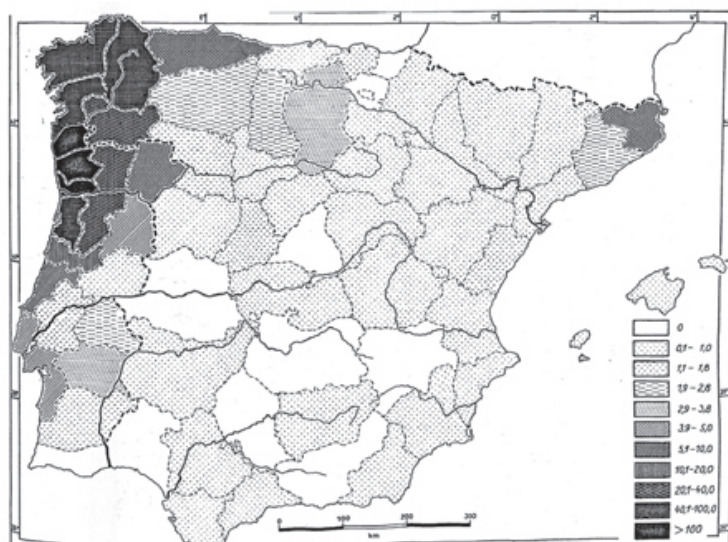
Aldelmo, *m.* Do inglês *Aldhelm*, sendo este do antigo inglês *Eald-helm*, de *Eald*, «velho, grande» e *helm* «elmo»...

Aldemir, *m.* Em texto de 974 (*Diplomata et Chartae*:71). Talvez esteja por *Adelmir(o)*, composto de *ald-* «velho», ou, mais provavelmente de *adel-*, «nobre», e *mir*, «afamado, ilustre»... Há as variantes *Aldimir*... e *Aldemiro*..., forma feminina: *Aldemira*... Topónimo na Galiza (Ponte Vedra).

Alderico ou *Aldrico*, ... Nome [de pessoa]. A Nunes (1933: 39) parece mais provável tratar-se de variante de *Hildérico*, o que oferece dificuldades prosódicas devidas à posição do acento: proparoxítono em *Hildérico*, mas paroxítono em *Alderico* e *Aldrico*. Por outro lado, admite tratar-se de antropónimo «de proveniência germânica, que, em virtude dos elementos de que se compõe, se deverá traduzir por *príncipe* ou *senhor venerável pela sua idade*», isto é, de *alds* + *rik*... As formas variantes *Alderigo* e *Aldrigo* ... devem provir de *Hildérico*...

Aldonaci, patronímico de *Aldão*. Registado em 924 (*Diplomata et Chartae*:18). Leite de Vasconcellos (1928: 108) regista esta forma mas não a explica.

Mapa 5. A distribuição dos topónimos de origem germânica na Península Ibérica.
(A densidade de pontos corresponde à relativa densidade de nomes de origem germânica segundo a quantidade por mil quilómetros quadrados).



São diversos os idiomas e dialectos das regiões e das localidades onde se encontram as formas citadas: o português, o galego, o leonês, o asturiano, entre outros. É de notar que se encontram na região noroeste da Península Ibérica estes nomes, além de muitos outros de origem germânica. A notável frequência dos topónimos de origem germânica na região noroeste da Península Ibérica é indicada pelas informações que se encontram nos trabalhos de Cortesão (1912), Nunes (1933-1937), Piel (1933-1944), Bouza Brey (1968), Kremer (1994b), Kremer e Piel (1976), Rivas Quintas (1991), entre outros.

As origens das formas acima citadas são conhecidas já faz bastante tempo, sendo confirmadas por obras mais recentes, tais como Watts e Insley (2004) e Dauzat (1963), que inclui, além de nomes de lugar em francês, vários topónimos em alemão com a raiz *alt-*: *Altenbach*, *Altenheim*, *Altenstadt*, *Altkirch*, *Altorf*, *Altrippe*, *Altwiller*, nomes que demonstram a vitalidade do processo de composição com a raiz germânica *alt-* (reflexo da raiz indo-europeia **al-* «crescer, nutrir»), na formação de topónimos.

Observa-se que os nomes de lugar de origem germânica são especialmente frequentes na região noroeste da Península Ibérica, em confronto com outras regiões, como se mostra no Mapa 5 (baseado em Lautensach, 1954: 232, Figura 3, reproduzida em Stanislawski, 1959: 209).

São discriminados onze graus diferentes na concentração dos topónimos de origem germânica, correspondendo a outros tantos graus de relativo sombreado das diversas áreas no mapa, desde a ausência de tais nomes (em branco) até à relativa frequência de mais de cem por mil quilómetros quadrados.

3.7. Documentação de *Aldão* em português.

O nome *Aldão*, que ocorre na antropónimoia e na toponímia, presta-se a um estudo histórico. *Aldão* figura nas *Inquisitiones, Portugaliae monumenta histórica*, como topónimo em 1220, sob a forma de *Aldam* (*apud* Cortesão 1912). Antes desta data, porém, regista-se a palavra *Aldonaci*, patronímico de *Aldão*, em 924, nas *Diplomata et Chartae* (p. 18), da obra *Portugaliae monumenta histórica* (veja-se também Leite de Vasconcelos 1928: 108-110, onde são referidos os patronímicos em *-aci*, *-azi*, *-az*).

Interessa determinar qual a relação entre o topónimo (*Aldão*) e o antropónimo (*Aldão*, *Aldonaci*). Isto é, se (a) o antropónimo deu origem ao topónimo (com o nome de lugar derivado do nome de alguma pessoa) ou (b) o topónimo deu origem ao antropónimo (com este atribuído por causa do nome do lugar de origem).

Observa-se que os topónimos de origem germânica reflectem, não raramente, o nome do possuidor, com o emprego do genitivo (*apud* Piel, 1989: 155-166; veja-se, entre outros, Reinhart, 1952: 104-107, sobre os nomes pessoais na toponímia de origem germânica). Assim, é mais plausível que o topónimo (*Aldão*) tenha sido precedido pelo antropónimo (*Aldonaci*), de acordo com a cronologia das respectivas datas de registo na documentação referida, além do facto de que a derivação a partir de antropónimos ser o processo mais comum na formação dos topónimos devidos a influência germânica.

Por outro lado, não constitui problema a evolução fonética na constituição da forma *Aldão*, visto que o singular *-ão* nos substantivos em português resultou da convergência de diversas formas anteriores, tais como *-em*, *-im*, *-om*, *-um*, *-am* (segundo Azevedo Ferreira, 1989: 89, entre outros especialistas referidos na nota 14). Era frequente a latinização de formas de origem germânica, sobretudo no que se refere às terminações.

3.8. Perspectivas geográficas: ocorrência da raiz germânica *alda- na onomástica da Península Ibérica.

Na onomástica pessoal no noroeste hispânico, o estudo de Rivas Quintas regista a ocorrência, na referida região da Península Ibérica (1991: 95-97), dos seguintes nomes baseados na raiz germânica *alda-, reflexo da raiz *al- do antigo indo-europeu «crescer, nutrir», com a forma de participio, mediante o sufixo, *al-to «crescido».

Alda. Nome de mulher, registado em Bierzo, e, como topónimo em Portugal, *Aldam* (registado em 1220). Há vários outros nomes afins, a incluir os seguintes: de *Áladila*, hipocorístico (diminutivo familiar afectuoso) de *Alda*: *Aldia*, registado em Corunha; *Aldias*, nome de homem, registado no cartulário de Celanova em 1004;

Aldia, como nome de homem, registado em Portugal em 939; *Aldiam*, 1050, e o topónimo *Villa Aldiani*; em 1077, *Aldiani*, de *Aldia/Aldila*, forma familiar de *Alda*. De *Aldiani /Aldianu*, *Alxán* e *Aljão*; de *ald/aldani*, *Aldanu* e *Aldán*.

Aldegasto. Nome de um rei asturiano por 775 (*Compendio Histórico*, Madrid: 265); em documentos de Leão, 924, *Adecastu*. Em Astúria, 780, *Addegaster rex* (Floriano 1949-51: I, 72).

Algaestre, 947 (Kremer & Piel 1976: 64). É nome germânico: gótico *alds* «época, idade, geração», combinado com *gast(r)*, relacionado com o alemão *Gast* «convitado, hóspede» (cf. Kremer & Piel *op. cit.*). *Alds* está relacionado com germânico *alda «velho», alemão *alt*, e o inglês *old*, cujo tema simples ocorre em *Alda* e no francês *Auda/Aude*, nome pessoal, no século XI, *Alde*.

Aldemundus, *Oldemundus*, 878, nome de homem (Flórez, Astúria); em 921, *Oldmundus* em Leão. Menéndez Pidal cita *Olemundus/Holemundus* (*Orígenes*, 1960: 204). Como se indica na secção anterior, o primeiro elemento é do gótico *alds* «época, geração, velho»; o segundo é do gótico *munds* «protecção, ajuda».

Alderredo Em português, *Alderredo* 924, *Aldoretus* 935, *Aldereto* 968, *Aldroitus* 1006 (Herculano, *Portugaliae Monumenta Histórica-Diplomata*); na *Revista Caminiana* 6: 164, *Alderredus/Alderetus*. Em Sanabria, Zamora 952, *Elderredus*. Em Leão, *Aldroiti* 922; em Astúria *Adroitus*; 887, *Aldoretus*; 895, *Alderetus* (Floriano 1949-51: II, 103, 171, 203). Segundo Piel (*Enciclopédia Linguística Hispánica* I: 442), *Alderredo* provém do germânico gótico *alda* «tempo, era, geração», e do gótico *reths* «conselho» (cf. Kremer e Piel, 1976: 315).

Altemiro, 1047, nome de homem, Leão (Vignau, *op. cit.*). Na Catalunha *Altemirus*, 980 (Kremmer 1980: 154); em S. Cugat, 984, *Altimirus* (*Congreso* 1953: 800). Tendo em conta a alternância *Ald-/Alt-*, vem do germânico *alds* «época, geração, velho», e *mêreis* «famoso, célebre», ambos góticos.

Observações finais.

Embora não sejam muito extensos os vestígios da presença sueva no noroeste da Península Ibérica, registam-se algumas influências suevas na etnologia (mormente na agricultura), e especialmente na língua (especificamente, nos nomes de lugar e nos nomes de pessoas). A arqueologia revela aspectos importantes da vida social e económica da época, principalmente no sistema monetário (do qual diversas moedas são preservadas) e pela descoberta, na Pomerânia, de uma urna forma de espigueiro, do mesmo tipo que se encontra em Portugal e na Galiza até hoje.

Nota-se que é no noroeste da Península Ibérica onde se concentram as principais características da influência sueva consideradas no presente trabalho: de modo geral, na região do antigo Reino Suevo, onde predomina o espigueiro do tipo suevo e são especialmente frequentes os nomes de lugar de origem germânica antiga, da língua gótica.

No domínio da antropologia social, o presente estudo limita-se a considerar elementos físicos da etnologia; uma investigação mais ampla poderá examinar a questão de possíveis vestígios da presença dos suevos também nas crenças, nos mitos e nos costumes.

Quanto à arqueologia, o presente estudo examina, na numismática, só duas moedas cunhadas pelos suevos, havendo numerosas outras peças que também poderiam ser examinadas.

Na onomástica, o presente trabalho examina topónimos e antropónimos que representam influência sueva (de língua gótica), que constituem apenas uma parte da influência germânica neste domínio.

Referências

- AZEVEDO FERREIRA, José (1989), «O papel da História da Língua na aula de Português», *Diacrítica*, vol. 3-4, pp. 79-97.
- BOUZA-BREY, Fermín (1968), «Sobrevivencias antroponímicas, topomásticas, antropológicas, jurídicas y folclóricas de la Galicia sueva», *Bracara Augusta*, vol. XXII, pp. 197-204.

- CABEZA QUILLES, Fernando (1992), *Os nomes de lugar. Topónimos de Galicia: a sua orixe e o seu significado*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia.
- CABEZA QUILLES, Fernando (2000), *Os nomes da terra. Topónimos galegos*, Noia:, Toxosoutos, S.L.
- CAO, José Rafael Dorribo & Manuel REBOREDO TAXAS (2000), *Guía dos castros de Galicia*, Vigo, Edicións do Cumio, S. A.
- CORTESÃO, A. A. (1912), *Onomástica medieval portuguesa* (Separata do *Archeólogo Português*, vol. VIII e seguintes), Lisboa, Imprensa Nacional.
- CORTESÃO, A. A. (1900), *Subsídios para um dicionário completo (histórico-etimológico) da língua portuguesa*, Coimbra, França Amado.
- DAUZAT, Alfonse. (1995), *Dictionnaire étymologique des noms de lieux en France*, Paris, Larousse.
- DIAS, Jorge, Ernesto VEIGA DE OLIVEIRA e Fernando GALHANO (1961), *Sistemas primitivos de secagem e armazenagem de produtos agrícolas. Espigueiros portugueses*, Porto, Centro de Estudos da Etnologia Peninsular.
- DIAS, Jorge (1982), *Os arados portugueses e as suas prováveis origens*, prefácio de Ernesto VEIGA DE OLIVEIRA, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- EICHHOFF, Frédéric Gustave et Wilhelm de SUCHAU (1841), *Dictionnaire étymologique des racines allemandes, avec leur signification française, et leurs dérivés classés par familles; suivi d'un vocabulaire étymologique des mots étrangers germanisés, etc.*, Paris, Chez Thiérot, Libraire-Éditeur.
- FEIST, Sigmund (1939), *Vergleichendes Wörterbuch der gotischen Sprache, mit Einschluss des Krimgotischen und sonstiger zerstreuter Überreste des Gotischen*, Leiden, E. J. Brill.
- FERGUSON, Robert (1864), *The Teutonic name-system applied to the family names of France, England and Germany*, London, Williams & Norgate.
- GRANDGENT, Charles H. (1962), *An introduction to Vulgar Latin*, New York, Haffner Publishing.
- FRANKOWSKI, Eugeniusz, José M. GÓMEZ-TABANERA y colaboradores (1986), *Horreos y palatitos de la Península Ibérica*, Madrid, Ediciones Istmo.
- HOLTUS, Günther, Michael METZELTIN & Christian SCHMITT, editores (1994), *Lexikon der ROMANISTISCHEN LINGUISTIK*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- HOUAISS, António & Mauro de Salles VILLAR (2001), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Objectiva.
- KOLLER, Erwin (1998), «Suevos – Schwaben?», in Koller & Laitenberger, pp. 213-243.
- KOLLER, Erwin & Hugo LAITENBERGER, Hrsg. (1998), *Suevos-Schwaben. Das Königreich der Sueben auf der Iberischen Halbinsel (411-585)*, interdiziplinäres Kolloquium, Braga 1996, Tübingen, Gunter Narr Verlag.
- KREMER, Dieter (1994a), «Anthroponomastik / Antroponímia», HOLTUS, Günther, Michael METZELTIN & Christian SCHMITT, editores (1994), VI.2, pp. 518-533.

- KREMER, Dieter (1994b), «Toponononastik / Toponímia», HOLTUS, Günther, Michael METZELTIN & Christian SCHMITT, editores (1994), VI.2, pp. 534-544.
- KREMER, Dieter (1980), «Tradition und Namengebung (Statistiche Anmerkungen zu mittelalterlichen Namengebung)», *Verba*, vol. 7, pp. 75-109.
- KREMER, Dieter & Joseph-Maria PIEL (1976), *Hispano-gotisches Namenbuch*. Heidelberg: Carl Winter Verlag.
- LAUTENSACH, Hermann (1954), «Über die topographischen Namen arabischen Ursprungs in Spanien und Portugal», *Die Erde*, 3-4 (March-April), pp. 219-243.
- LEITE DE VASCONCELLOS, José. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
- MACHADO, José Pedro (1956-59), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 1.^a edição. 2 volumes. Lisboa: Editorial Confluência, Ltda.
- MACHADO, José Pedro (2003), *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, 3.^a edição. 3 volumes, Lisboa, Livros Horizonte.
- MACHADO, José Pedro (1958-1961), *Influência arábica no vocabulário português*, 2 volumes. Lisboa, Álvaro Pinto, Revista de Portugal.
- MENENDEZ PIDAL, Ramón (1980), *Orígenes del Español, estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Novena edición (según la tercera, muy corregida y adicionada), Madrid, Espasa-Calpe, S.A.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: C. Winter, 1935.
- MORALEJO LASSO, Abelardo (1977), *Toponímia gallega y leonesa*, Santiago de Compostela, Editora Pico Sacro.
- MOURA, Armando Reis (1995), *Espigueiros de Portugal*, Ria Formosa, Parque Natural de Ria Formosa.
- NUNES, José Joaquim (1933-1937), «Os nomes de baptismo (sua origem e significado)», *Revista Lusitana*, vol. XXXI, pp. 5-79, vol. XXXII, pp. 56-160, vol. XXXIII, pp. 5-72, vol. XXXIV, pp. 105-164, vol. XXXV, pp. 5-37.
- PEIXOTO CABRAL, J. M. & David M. METCALF (1997), *A moeda sueva*, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática.
- PIEL, Joseph-Maria (1989), *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- PIEL, Joseph-Maria (1933-1944), «Os nomes germânicos na toponímia portuguesa», *Boletim de Filologia*, vol. II, pp. 105-140, 224-240, 289-314, vol. III, pp. 37-53, 218-242, 367-394, vol. IV, pp. 24-56, 307-322, vol. V, pp. 35-57, 277-288, vol. VI, pp. 65-86, 329-350, vol. VII, pp. 357-386. [Também publicado como livro: Lisboa: J. Fernandes Ltda., 1945].
- POKORNY, Julius. (2005), *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*, 2 volumes, Tübingen, Francke Verlag.

- REINHART, Wilhelm (1952), *Historia General del Reino Hispánico de los Suevos*, Madrid, S. Aguirre, Seminario de Historia Primitiva del Hombre.
- RIVAS QUINTAS, Eligio (1991), *Onomástica pessoal do noroeste hispano*, Lugo, Editorial Alvarellos.
- SACAU RODRÍGUEZ, Gerardo (1996), *Os nomes da terra de Vigo. Estúdio etimolóxico*. Vigo, Instituto de Estudos Vigueses.
- SÁEZ SALGADO, Javier (2002), *História da Moeda em Portugal*, Lisboa, Abril/Controljornal Editora.
- SILVEIRA, Joaquim da (1913-1935), «Toponímia portuguesa», *Revista Lusitana*, vol. XVI, pp. 147-158, vol. XXIV, pp. 189-226, vol. XXXIII, pp. 233-268.
- SKEAT, W[alter] W[illiam] (1868), *A Mæso-Gothic Glossary with an introduction, an outline of mæso-Gothic grammar, and a list of Anglo-Saxon and old and modern English words etymologically connected with mæso-Gothic*, London & Berlin, Asher & Co.
- STANISLAWSKI, Dan (1959), *The Individuality of Portugal. A Study in Historical-Political Geography*, Austin, University of Texas Press.
- TORRES RODRIGUEZ, Casimiro (1977), *Galicia sueva*, La Coruña, Fundación “Pedro Barrié de la Maza Conde de Fenosa”.
- VILILA, Mário (1994), « Portugiesisch: Wortbildungslehre / Formação de palavras», HOLTUS, Günther, Michael METZELTIN & Christian SCHMITT, editores (1994), VI.2, pp. 173-199.
- WATKINS, Calvert (2011), *The American Heritage Dictionary of Indo-European Roots*, Boston, Houghton Mifflin. [Edições anteriores: 1985, 2006.]
- WATTS, Victor e John INSLEY, editors (2004), *The Cambridge dictionary of English place-names*,

[Submetido em 18 de Junho de 2013, re-submetido em 30 de Setembro de 2013 e aceite para publicação em 8 de Outubro de 2013]